



ESPOROTRICOSE EM FELINOS

Bárbara Pereira dos Santos^{1*}, Arthur Kennedy Duarte², Caroline Felipe Bonfim², Lucas Wagner Rosa², Luís Guilherme Lopes Lobo² e Silvana Narciso Dalla Venezia².

¹Estudante de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil *e-mail: barbaraps.1711@gmail.com

²Estudante de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma dermatite micótica causada por diversas espécies do fungo dimórfico *Sporothrix* spp. Acometendo principalmente felinos. É uma doença que vem ganhando importância na saúde pública devido ao caráter zoonótico e por afetar principalmente populações de áreas endêmicas. Em regiões tropicais, subtropicais e temperadas ocorre maior prevalência da infecção, sendo que o fungo está presente no ambiente sobretudo em locais com matéria orgânica. Devido a relevância do assunto para a saúde única, o artigo tem como finalidade descrever a fisiopatogenia, sinais clínicos, diagnóstico, tratamento e prevenção da esporotricose em felinos.

METODOLOGIA

Neste trabalho foram utilizados o Portal Capes e o Google Acadêmico como plataforma para pesquisas de dados científicos. Foram compilados dados e informações de artigos, dissertações, revisões bibliográficas e livros didáticos.

RESUMO DE TEMA

A principal espécie associada a esporotricose no Brasil é a *Sporothrix schenckii*. O fungo normalmente é encontrado no solo, vegetação e em matéria orgânica em decomposição.⁶ O *Sporothrix* spp. é um fungo dimórfico, ou seja, muda sua forma conforme as condições do ambiente em que está presente. Dito isso, quando ele está na natureza ou em algum meio de cultura a 25°C ocorre a multiplicação na forma de filamento, no entanto, quando está no hospedeiro ou em meios de cultura a 37°C encontra-se na forma de levedura¹⁰.

Os gatos domésticos são uma das espécies mais acometidas pela esporotricose devido a seus hábitos como cobrir dejetos com terra, afiar as unhas em árvores e plantas. Devido a isso ocorre a contaminação das unhas e da cavidade oral pelo fungo que irá ser transmitido através de brigas por arranhadura. Gatos machos, não castrados e com acesso a rua tem grande probabilidade de contrair a infecção.

Para inoculação do *Sporothrix schenckii* é necessário que haja uma porta de entrada, ou seja, alguma lesão ou processo de descontinuidade da pele que permita que o fungo penetre em camadas mais profundas do tecido. Após isso, o agente vai se converter em forma de levedura e assim permanecer na região onde ocorreu a inoculação e gerar lesões ulcerativas e nodulares que drenam exsudato hematurpuroso como demonstrados na figura 1. Além disso, ele pode se disseminar por via hematogena ou linfática ocasionando sinais clínicos sistêmicos.



Figura 1 – Esporotricose em felino causada pelo fungo *Sporothrix schenckii*. Seta indica um aumento de volume na região do chanfro.

(Fonte: Caderno técnico veterinária e zootecnia, n. 94 – 2019)

O diagnóstico da esporotricose deve ser baseado no histórico do animal, sinais clínicos e exames complementares. O exame de escolha para confirmação da infecção é o isolamento microbiológico do *Sporothrix schenckii* através de exsudato da lesão (figura 2), tecidos, aspirados da lesão⁶. Além do isolamento também pode ser feito

citologia e histopatologia. Podem ser feitos exames laboratoriais para avaliar se há algum comprometimento sistêmico. Normalmente pode ser observado anemia, leucocitose por neutrofilia e hipoalbuminemia⁷.



Figura 2 – Coleta de exsudato da lesão com um swab. (Fonte: Cadernos técnicos de veterinária e zootecnia, n. 82 - 2016)

No tratamento da esporotricose é utilizado o itraconazol, pois tem menor toxicidade e alta eficácia substituindo o iodeto de potássio e a anfotericina B. Ele administrado na dose de 10mg/kg/dia por pelo menos 30 dias através de via oral. Existem outras formas de tratamento como a ressecção cirúrgica das lesões, fluconazol ou terbinafina⁹.

Devido ao caráter zoonótico da doença é necessário tomar alguns cuidados ao manipular o animal com esporotricose para evitar a sua disseminação. Dentre eles, utilizar equipamento de proteção individual (EPI), isolar animais contaminados ou em tratamento. Animais que vierem a óbito devem ter sua carcaça incinerada para evitar contaminação do ambiente e aumento da carga fúngica no solo⁴. Além disso, os médicos veterinários devem conscientizar os tutores a evitar que seus animais tenham acesso a rua para que reduza as chances dele se infectar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A esporotricose é uma doença zoonótica emergente que apesar da sua relevância na saúde pública não é de notificação compulsória em Belo Horizonte/MG ou que gera desconhecimento da real incidência da doença no município. Dito isso, é notório a necessidade de o poder público implementar medidas para controle e prevenção da doença. Contudo, cabe também aos médicos veterinários conscientizar os tutores e tratar corretamente os animais doentes para evitar disseminação da doença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, Adriana J. et al. Esporotricose em felinos domésticos (*Felis catus domesticus*) em Campos dos Goytacazes, RJ. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 38, p. 1438-1443, 2018.
2. Atlas de Micologia Médica Veterinária. Cadernos Técnicos de Veterinária e Zootecnia, n.94, dezembro de 2019.
3. COLOMBO, Salene Angelini et al. Caracterização Molecular de *Sporothrix* spp. Isolados de Gatos em uma área epidêmica no Estado de Minas Gerais-Brasil. 2022.
4. CRUZ, L.C.H. Complexo *Sporothrix schenckii*. Revisão de parte da literatura e considerações sobre o diagnóstico e a epidemiologia. *Vet e Zootec*, v.20, p.08-28, 2013.
5. DOS SANTOS, Alessia Nunes et al. Esporotricose em felino: Revisão. **PUBVET**, v. 16, p. 195, 2022.
6. JERICÓ, Márcia Marques et al. **Tratado de medicina interna de pequenos animais**. Rio de Janeiro: Roca, 2015.



X Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

7. LARSSON, C. E. Esporotricose. Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 250-259, 2011
8. LITTLE, Susan E. Doenças infecciosas. *In*: O GATO: medicina interna. Rio de Janeiro: Roca, 2015. cap. Doenças infecciosas e zoonoses, p. 1454 - 1471.
9. LLORET, A.; HARTMANN, K.; PENNISI, M. G.; et al. Sporotrichosis in Cats: ABCD guidelines on prevention and management. Journal of Feline Medicine and Surgery, v. 15, n. 7, p. 619– 623, 2013
10. Medicina de felinos. Cadernos Técnicos de Veterinária e Zootécnia, n.82, dezembro de 2016.
11. MEGID, Jane *et al.* **Doenças infecciosas em animais de produção e de companhia.** Rio de Janeiro: Roca, 2015.
12. PIRES, Camila. Revisão de literatura: esporotricose felina. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 15, n. 1, p. 16-23, 2017.
13. RIBEIRO, Emille Karoline Marques. Metodologias de diagnósticos, tratamentos e perspectivas da esporotricose felina no Brasil: revisão de literatura.

APOIO:



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS



Escola de Veterinária
UFMG